

## Nas ondas de uma rádio: a educação como panacéia no discurso de quem diz fazer um Brasil melhor

CLÁUDIO RODRIGUES DA SILVA\*

**Resumo:** Neste texto, decorrente de estudo documental e bibliográfico, tem-se por objetivo principal apresentar uma sucinta problematização acerca da presença e da concepção de educação patente ou subjacente aos pontos de vista das “personalidades” entrevistadas – e apresentadas como se fossem aquelas que fazem “um Brasil Melhor” – pelo Projeto “Quem faz o Brasil Melhor”, veiculado pela Rádio Jovem Pan ao longo da programação diária durante o primeiro semestre de 2014. A educação, não raramente apresentada como panacéia, permeia os discursos da maioria dos entrevistados. Essa concepção de educação comumente é acompanhada de outras categorias típicas ou recorrentes no ideário neoliberal. Mesmo sendo uma velha tese, a educação enquanto panacéia ainda é recorrentemente apresentada nos discursos hegemônicos como solução para velhos e novos problemas sociais.

**Palavras-chave:** Educação; Trabalho; Ideologia; Políticas educacionais; História da educação.

*Radio waves: education as a panacea in the speech who says do a better Brazil*

**Abstract:** In this text, resultant of documentary and bibliographical study, has for primary objective to present a succinct questioning about the presence and the conception of patent education or underlying the views of "personalities" interviewed- and presented as if they were those who make "a Better Brazil" – by the project "Who makes the Best Brazil", broadcasted by Jovem Pan radio along his daily schedule during the first semester of 2014. Education, often presented as a solution, permeates the speeches of most people interviewed. This conception of education is commonly accompanied by other typical categories or applicants in new liberal ideals. Even though an old thesis, education as a solution is still presented in the hegemonic speeches as recurrently solution for old and new social problems.

**Key words:** Education; Work; Ideology; Educational policies; History of education.

---

\* CLÁUDIO RODRIGUES DA SILVA é Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília.

## Introdução

A educação escolar como panacéia para todos os problemas sociais é uma velha tese liberal. É um discurso recorrente na história brasileira, principalmente no momento histórico da Proclamação da República. Porém, na atualidade essa tese ganha cada vez mais espaço na mídia hegemônica, sendo associada, de maneira determinista, à questão do crescimento econômico e da geração de empregos.

Contraditoriamente, na atual conjuntura especialmente, a tese da educação enquanto panacéia, em especial no que se refere à relação imediata e direta com a questão da economia, do trabalho e do emprego, é colocada em xeque em diferentes países do mundo, mesmo em países da União Europeia, polo do capitalismo avançado, como, por exemplo, Espanha, Itália e Portugal, entre outros.

É uma temática relevante, em especial na atualidade, quando essa tese adentra, cada vez mais com maior intensidade, direta ou indiretamente, na escola pelos mais variados canais e formas, inclusive por intermédio de projetos, além da presença maciça e recorrente na mídia hegemônica.

Trata-se de estudo documental e bibliográfico. Procurou-se verificar se e como a educação consta, direta ou indiretamente, nos discursos dos 70 entrevistados, disponíveis em versão áudio/visual no *site* do Projeto “Quem faz um Brasil Melhor”<sup>1</sup>, resultado de uma parceria entre o Lide – Grupo de Líderes Empresariais e a Rádio Jovem Pan, que fez a veiculação diariamente do Projeto ao longo da programação. Para fins de complementação, foram verificados também outros discursos áudio/visuais ou transcritos disponíveis

em outros espaços desse *site*. Os entrevistados, brasileiros ou não, são, em sua maioria, diretores ou presidentes de grandes empresas e empresários, atuando profissionalmente no Brasil (PROJETO, 2014).

## I – Educação enquanto panacéia

A educação escolar, no Brasil, foi relacionada aos pressupostos da democracia representativa liberal e ao projeto republicano, para o qual a escola, em tese, pública, universal e gratuita, era entendida como um elemento necessário para a implementação da democracia e, por conseguinte, para a consolidação da República (LOMBARDI, 2006; REIS FILHO, 1981; SOUZA, 2009).

Os republicanos apresentavam a educação como um mecanismo de reforma da sociedade, numa perspectiva redentora ou missionária. Em outras palavras, apresentavam a educação escolar como panacéia. Segundo Lombardi (2006, p. 1) essa tese é reducionista, pois “Reduz todas as mazelas a um único ‘remédio’ – a educação – o que é absolutamente equivocado.” Esse autor ressalta, ainda, que essa tese “[...] muda na aparência, mas permanece a mesma coisa na essência, obedecendo aos preceitos liberais.”

O discurso da educação como panacéia para todos os males é muito antigo. Ele nasceu com a sociedade capitalista, como parte de um discurso ideológico produzido para atribuir à escola um papel central no cuidado com a infância, com a transmissão dos saberes considerados socialmente relevantes, com a formação do cidadão e com a qualificação do trabalhador. Apareceu já com essa característica geral, abstrata, a-histórica, como se essa escola sempre tivesse existido, cumprindo

<sup>1</sup> Doravante citado também como Projeto.

um papel central no desenvolvimento e na vida dos indivíduos. No Brasil isso não foi diferente, pois desde o Império esse repetitivo discurso de que ‘a educação é fundamental para ...’ sempre esteve presente, sendo acionado para justificar a diferença de desenvolvimento econômico e social, em comparação com os chamados países desenvolvidos. (LOMBARDI, 2006, p. 4)

Porém, a abrangência e o tipo de educação escolar propiciada a cada segmento das populações estavam condicionados ao projeto político das frações de classe hegemônicas no governo, estando a oferta da educação comumente condicionada pela posição (a ser) ocupada no processo produtivo. Exemplifica isso o fato de que, como destaca Moraes (2014), ampla parcela das populações do campo terem sido, durante várias décadas, excluídas ou preteridas em relação à educação escolar, ao voto, entre outros direitos assegurados, por exemplo, a trabalhadores da indústria, especialmente. Além disso, a educação escolar foi um recurso utilizado pelo Estado como forma de, no momento em que isso foi necessário ou conveniente para a consecução do projeto hegemônico de governo, fixar as populações no campo, evitando, assim, o êxodo rural.

Partindo do que ressaltam Lombardi (2006) e Moraes (2014), há que se considerar, ainda, que a educação não foi, desde as primeiras políticas educacionais, universal, pois, para determinados segmentos das populações, a execução dessas políticas foi morosa, precária e instável, sendo consoante com o que seria demandado para o desempenho nos respectivos postos de trabalho. Assim, comumente, para a ampla maioria dos trabalhadores

a educação era limitada aos rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo, isto é, uma escola de primeiras letras (LOMBARDI, 2006; SOUZA, 2009).

Com o aporte da denominada Teoria do Capital Humano, a tese da educação como panacéia torna-se mais sofisticada, já que essa teoria é (auto)apresentada como científica.

Capital humano é um conceito elaborado na década de 1950 por Schultz, que, por essa elaboração, recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1979. A Teoria do Capital Humano visa explicar as desigualdades entre nações, indivíduos e grupos sociais, porém, sem ir à raiz dessas desigualdades. Trata-se de um conceito “funcionalista, fragmentário, pragmático e circular”, além de falseador e reducionista da “[...] concepção de ser humano, trabalho, sociedade, educação e história, de sínteses complexas de relações sociais a fatores.” (FRIGOTTO, 2009, p. 5).

Na atualidade há um empenho significativo no sentido de associar a educação, não raramente sem a necessária relativização ou mediação, à questão da empregabilidade. Ainda que o próprio termo empregabilidade remeta à possibilidade de se tornar empregável, comumente as abordagens hegemônicas apresentam essa relação numa perspectiva de probabilidade.

Porém, a rigor, partindo-se de uma análise numa perspectiva marxista, essa tese é eminentemente ideológica, principalmente porque o desemprego é estrutural e funcional para o capitalismo, que, na medida do possível, tensiona ao máximo no sentido de substituir o trabalho humano por máquinas, porém, unicamente com vistas ao aumento da produtividade e da lucratividade, implicando em crescentes índices de

desemprego (BEVILAQUA, 2011; FRIGOTTO, 2009).

Não obstante o caráter ideológico dessa tese e o fato de ela ser questionável cientificamente quanto à relação direta e incondicional que estabelece entre educação escolar e a garantia de emprego, não obstante também a inconsistência dessa tese diante do agravamento da crise do capital, ela é recorrente em discursos hegemônicos, como é o caso dos discursos apresentados pelo Projeto mencionado.

## II – Projeto “Quem faz o Brasil Melhor”

O Projeto “Quem faz o Brasil Melhor” foi realizado pela Rádio Jovem Pan em parceria com o Lide – Grupo de Líderes Empresariais. Este Programa selecionou, para fins de realização de entrevistas, diversas “personalidades brasileiras que contribuem para o desenvolvimento econômico e social do País.” No entendimento desse Projeto, essas pessoas seriam os “[...] brasileiros que fazem um Brasil melhor, são transformadores. Demonstram seu amor e confiança pelo País, mas também suas indignações e busca de soluções.” (PROJETO, 2014).

Segundo o Projeto “Tornar o Brasil uma grande potência mundial não é apenas um sonho, é um desafio de todos nós. São muitos os setores que necessitam de investimentos e atenção especial: infraestrutura, saúde, educação, economia, mobilidade.” O Projeto reuniu “autoridades e empresários de diversos ramos” para discutir “soluções para um Brasil Melhor”, homenageando “cem lideranças empresariais que fazem a diferença no país.” Conforme o Projeto, “Para a escolha dos homenageados, foram selecionados líderes empresariais que acreditam, apostam e transformam o Brasil.” No

entendimento do idealizador do Projeto, são “[...] empresários que têm a humildade como princípio de fé, a paixão pela liberdade. Só tem liberdade onde há democracia [...]” (PROJETO, 2014).

O Projeto foi veiculado durante o primeiro semestre do ano de 2014 durante a programação da Rádio mencionada e culminou com a realização de um grande evento – um jantar – realizado no dia 3 de junho deste ano num hotel na cidade de São Paulo. Nesse evento, que reuniu mais de 500 convidados, além das 100 personalidades homenageadas, estiveram presentes empresários, parlamentares, autoridades públicas e jornalistas (PROJETO, 2014).

## III – A educação em alguns discursos

Dos 70 discursos verificados, 43 fazem menção à educação. Destes, a ampla maioria apresenta, de maneira nominal e direta, a educação como prioridade absoluta e/ou como uma das principais prioridades para fins de resolução do que os entrevistados consideram os principais problemas nacionais, em especial no que se refere à economia e ao emprego.

A seguir são apresentados, para fins de exemplificação, alguns dos discursos que enfatizam a questão educacional enquanto a ou uma das prioridades nacionais e/ou como fator único ou principal para a resolução desses problemas<sup>2</sup>.

Ainda que as concepções expressas pelos entrevistados tenham vários elementos em comum, em especial no que tange à concepção de educação, é possível constatar diferentes níveis de

<sup>2</sup> Cada citação corresponde ao discurso de um entrevistado. Todas as entrevistas, na íntegra, estão disponíveis no site do Projeto (PROJETO, 2014).

ênfase ou de potencialidade atribuída à educação.

Nos pontos de vista a seguir os entrevistados mencionam outras áreas, porém, em última instância, colocam toda a centralidade na educação.

[...] nós temos primeiro que imaginar que nós temos uns problemas setoriais [...] temos que imaginar que o Brasil precisa urgentemente reformas, reforma política, tributária, diversos tipos de reformas, mas há um problema sistêmico, que você tem que investir nele, mergulhar nele de cabeça e trabalhar em cima dele, que é a educação. Se o Brasil não acreditar na educação, não investir todas as suas forças na educação, não haverá solução pro país. (OLIVEIRA SOBRINHO apud PROJETO, 2014)

É preciso concentrar esforços na modernização e ampliação da infraestrutura, também na racionalização e contenção dos gastos públicos e principalmente no estímulo ao aumento da poupança interna para expandir a nossa capacidade de investimento, que está muito baixa. Mas há um outro fator decisivo no qual devemos dar toda a prioridade, no meu ponto de vista, que é a educação. Nós não podemos adiar mais um choque de melhoria na qualidade da educação, seja fundamental e o ensino médio; é aí que nós vamos formar cidadãos capazes de pensar e aprender cada vez mais, trabalhar criativamente e contribuir para a inovação e produtividade. (BELINI apud PROJETO, 2014)

Três grandes reformas, eu diria, estruturantes o Brasil precisa. A primeira é a reforma tributária. Muito ligada à reforma tributária está também a reforma da bizantina legislação trabalhista. A terceira grande reforma que o Brasil

necessita é da área da educação. Sacrifício é despendar esforços em nome daquilo que é sagrado. Portanto, o Brasil precisa passar por uma reforma profunda na política educacional. (ALTENFELDER apud PROJETO, 2014)

Alguns entrevistados tentam um esboço de relativização do que apresentam como absoluto: a educação.

O Brasil, para ser melhor, tem que [...] pelo menos começar pela educação. Acho que a educação é o início de qualquer arrancada [de] qualquer país que quer ser grande. [...] nosso país é grande, mas em tamanho, mas tem muitas coisas aqui dentro que nós somos muito pequenos; a educação é uma delas; agora, pra que essa educação [...] saia do papel e realmente vá pra prática, nós precisamos de políticos comprometidos [...] principalmente com [...] esse tema [...] e para nós termos políticos comprometidos, nós precisamos [...] muito de informação para que nós possamos votar melhor e colocar políticos melhores pra poder realmente brigar pelos nossos direitos, pelos deveres [...] que realmente eles têm que colocar em prática. Então, eu acho que em primeiro lugar é a educação [...]. (MARCARI apud PROJETO, 2014)

É necessário garantir educação de qualidade para todas as crianças e jovens. Isso é imprescindível, pois é um país economicamente competitivo, uma sociedade justa e uma democracia de fato, em termos políticos. Todas as três coisas começam num único lugar: na sala de aula. A gente [...] poderá enxergar o futuro olhando o que acontece na sala de aula do país. A gente vai ter uma antevisão de que tipo de país nós vamos ter daqui a vinte anos, trinta anos, fazendo essa [...] análise. Então, todos nós sabemos que não existe mágica para

você preparar pessoas pra vida pessoal, familiar, social, política, econômica, ambiental [...] que não passe pela educação. Ela, de fato, não responde por tudo [...] sozinha, mas [...] sem ela nada dessas variáveis [...] econômicas, políticas e sociais conseguem ser bem resolvidas. Então, é isso que nós precisamos garantir [...] Nós estamos ainda longe de conseguir garantir esse horizonte pras nossas crianças e jovens. Esse é o passo fundamental que o país ainda não deu. (SENNA apud PROJETO, 2014)

Há entrevistados que, além da centralidade na educação, fazem também menção a uma educação de qualidade ou igualitária. Todavia, sabe-se que, sendo o capital um sistema inerentemente competitivo e hierárquico-vertical, a educação necessariamente será diferenciada e desigual, em última análise, conforme a posição (a ser) ocupada no processo produtivo. Lombardi (2006, p. 4) destaca que “A escola que se volta à formação da elite [...] não é a mesma que se volta à formação do trabalhador.”

Eu acho que nós precisamos dar um passo definitivo pra nos convertermos em uma nação de uma renda *per capita* elevada. Acho que os todos brasileiros conquistando iguais, bons níveis de saúde, educação e cultura. Mas nós temos que resgatar a competitividade da indústria, essencial para termos melhores índices de crescimento do PIB, é básico gerar emprego de qualidade, distribuir renda e [...] principalmente democratizar as oportunidades. Eu acredito que nós precisamos ter realmente uma política para conseguir isso, estratégia de longo prazo; nós não podemos ficar só em soluções pontuais. O Brasil precisa ter uma estratégia de seu interesse de

nação, como os outros países estão fazendo, para nós conquistarmos uma renda *per capita* [...] [para os?] brasileiros melhor. (OMETTO apud PROJETO, 2014)

No entendimento de alguns entrevistados a educação é prioridade única e absoluta:

[...] as três sugestões são: educação, educação, educação [...] Primeiro é educação formal, saber ler, escrever, fazer matemática, entender ciência, e não somente a parte básica dessas matérias, mas é entender como usar a tecnologia para fortalecer o conhecimento de todas essas áreas. Segundo, é educação [...] para assegurar o [...] sucesso profissional, como trabalhar em equipe no lugar de trabalho, como ter uma visão estratégica, [...] como comunicar, como resolver problemas. E a terceira [...] educação cívica. Todos sabemos que um cidadão tem deveres e tem direitos. Então, uma educação para entender quais são os deveres e como exigir os direitos. Acho que com esses três [...] [formas?] de educação o Brasil, que já tem feito tanto progresso, [...] seria ainda mais um país modelo para o mundo. (HRINAK apud PROJETO, 2014)

O que é possível pra fazer um país melhor? Sempre a educação. Não há uma nação sem educação. Todo dinheiro que se investe em tanta coisa deveria em primeiro lugar estar sendo canalizado pra criança indo pra escola das sete e meia da manhã até as quatro da tarde, saindo de lá de banhozinho tomado [...] com aulas múltiplas de artes e de esportes [...] passa pelos grandes hospitais que poderíamos e deveríamos ter. Um país se faz por aí [...] mas que começa pela educação. (RAMOS apud PROJETO, 2014)

A primeira coisa que me vem à cabeça é a educação. Eu acho que nós precisamos investir fortemente em educação. E educação principalmente educação de base, técnica, porque isso vai nos ajudar a eliminar analfabetismo funcional, que tem atrapalhado sobremaneira nossa competitividade como país. Precisamos ser competitivos pra poder avançar pra um Brasil melhor. E um outro ponto [...] tem a ver que nós trabalhamos muito como [...] governo e esquecemos de trabalhar como Estado. Acho que nós precisamos de uma política de Estado que vislumbre o longo prazo e com isso faça com que todo o país trabalhe [...] num só caminho. Eu acredito que esses, rapidamente, seriam passos importantes para um tão sonhado desenvolvimento sustentável dum país como o Brasil, com uma real inclusão e bem estar social. (VELOSO apud PROJETO, 2014)

Para alguns entrevistados a educação, literalmente, resolveria todo e qualquer problema, em toda e qualquer esfera da vida, ou seja, questões relacionadas a cidadania, desemprego, ética, moralidade, religiosidade, natalidade, mortalidade, saúde, criminalidade. Nessa perspectiva a educação escolar seria – ou é – literalmente uma panacéia. Lombardi (2006, p. 4) argumenta que “A educação aparece [...] nos mais diferentes momentos históricos, como a principal possibilidade de promover uma reforma moral e intelectual dos homens.”

Acho que pra gente ter um Brasil melhor acho que a gente precisa investir basicamente em educação. O Brasil precisa investir em educação sobre todos [...] aspectos. Tem que investir na educação básica, tem que investir na educação de alto nível. A gente tem que criar uma geração de crianças

extremamente bem educadas e temos que fazer adultos bem educados. A gente vai ter que investir na educação [...]. A gente tem que dar oportunidade pros que não tiveram nenhuma educação ainda. A gente tem que investir em educação em aspectos muito amplos, porque essa educação é que vai combater a violência [...] vai gerar o torcedor de futebol mais bem educado, vai gerar um pai, um marido mais bem educado, vai gerar o amigo mais bem educado, vai gerar o país melhor e mais bem educado. A educação, sem dúvida nenhuma, acho que é a base para complementar tudo o que falta no Brasil, pra construir um país realmente para o futuro. E a gente tem condições de fazer isso, porque a gente pode educar um povo que gosta de aprender. Eu acho que esta é a base pro país mais bacana. (OLIVETTO apud PROJETO, 2014)

Porém, a concepção mais problemática, dadas as inconsistências e complexidades envolvidas, é a que apresenta a educação, isoladamente, como capaz ou então preponderante na resolução de problemas do âmbito da macroeconomia, como, por exemplo, a questão do crescimento econômico e do desemprego, pois isso envolve o trabalho, categoria fundante de toda formação econômico-social. Segundo Lombardi (2006, p. 5) “Ainda hoje o discurso é que só a educação possibilita um choque de desenvolvimento ao Brasil.”

[...] todos os países do mundo que eram países pobres, como Malásia, [...] hoje têm rendimento *per capita* maior que os maiores países do mundo porque fizeram educação, saúde, treinamento do ser humano, unidos fizeram uma grande nação. Nós podemos fazer um grande país. (BUENO apud PROJETO, 2014)

Esse conjunto de entrevistas é uma amostra representativa da concepção de educação que perpassa os pontos de vista dos entrevistados pelo Projeto.

A Teoria do Capital Humano indica que existe relação entre educação e desenvolvimento econômico, porém, não indica o determinante dessa relação:

Por isso que a teoria do 'capital humano' não consegue responder à questão: os países subdesenvolvidos e os indivíduos pobres e de baixa renda assim o são porque têm pouca escolaridade ou têm pouca escolaridade porque são subdesenvolvidos e pobres? Somente uma análise histórica da escravidão, do colonialismo e do imperialismo, por um lado, nos evidenciaria que os países que têm menos escolaridade são aqueles que foram submetidos a um ou a todos estes processos. Por outro lado, quando examinamos quem, no Brasil, por exemplo, é analfabeto ou não atingiu mais que quatro anos de escolaridade, vemos que é a grande massa de trabalhadores de baixa renda. (FRIGOTTO, 2009, p. 5)

Nos discursos apresentados, não raramente, a defesa da educação como prioridade está atrelada a outras categorias ou noções típicas ou recorrentes no léxico neoliberal, tais como capital humano, cidadania, competitividade, concessão, eficiência, empreendedorismo, empregabilidade, governabilidade, produtividade, qualidade, redução do custo Brasil, responsabilidade social, entre outras. Conforme Frigotto (2009, p. 6) "Essas noções acabam por atribuir aos indivíduos, no bom credo da liberdade de escolha individual, a responsabilidade por seu desemprego ou subemprego: 'Não sou empregável porque não escolhi um curso que desenvolveu as competências reconhecidas e de 'qualidade total'!"

Não parece razoável subestimar o potencial de impacto de determinadas ideologias, pois, como ressalta Demo (1988), a ideologia é parte de um sistema e tem desdobramentos teórico-práticos na sociedade. Há inúmeras variáveis a serem consideradas quando da análise das relações entre educação, trabalho e economia.

A questão da empregabilidade, além de fomentar um crescente e rentável segmento da economia, qual seja, a educação formal ou não-formal, pode contribuir para o acirramento do individualismo e da concorrência entre trabalhadores. Engels (2008) chama a atenção para a questão da concorrência, pois se trata de um fator negativo para a auto-organização e para a união dos trabalhadores. Entre os exemplos de desdobramentos desse processo que gera ou acirra a concorrência e, dialeticamente, também são resultantes dessa concorrência, estão o crescimento de partidos de tendências chauvinistas e casos de xenofobia registrados em determinados países da Europa, especialmente, relatados por Alegria (2009).

A adesão a essa tese pode também contribuir para a continuidade ou acentuação da (auto)responsabilização individual pelo desemprego, que é uma questão social e estrutural, ainda que em determinadas conjunturas possa sofrer oscilações. Pode ainda contribuir para o apassivamento dos trabalhadores, com impactos negativos para a auto-organização e para o questionamento dos problemas sociais, evitando que seja identificada ou atingida a raiz do problema.

### **Considerações**

Na perspectiva hegemônica a defesa da educação de qualidade como prioridade visa a atender aos interesses do capital,

com vistas ao aumento da produtividade e da extração de mais-valia. Indicativo disso são as categorias que acompanham esse discurso. Assim, nessa concepção de educação não está em tela a emancipação dos trabalhadores, mas, ao invés.

É oportuno destacar que, como aponta Dal Ri (2004; 2013), a luta pela hegemonia em torno da educação – em sua totalidade: concepção, gestão e execução – propiciada aos trabalhadores é um tema que está presente nos debates e nas iniciativas de organizações das classes trabalhadoras – como, por exemplo, anarquistas, cartistas, marxistas e owenistas – desde o momento histórico da Revolução Industrial até a atualidade, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Ressalta-se que estes Movimentos têm clareza, tanto das limitações da educação isoladamente para fins de emancipação ou de transformações estruturais, quanto das suas potencialidades, quando articulada organicamente às respectivas lutas políticas, econômicas e culturais.

A educação historicamente é objeto de disputas entre classes sociais e suas frações. Partindo do que aventa Althusser (1999), a escola (ainda) é, se não o principal, um dos principais aparelhos ideológicos hegemônicos, inclusive porque a frequência a ela, no Brasil, é obrigatória durante a considerada idade escolar, período em que a pessoa ainda não tem elementos suficientes para confrontação ou problematização do que é ensinado. Como argumenta Ponce (1981), o Estado não abdica do controle da escola, assim como não pode abdicar do controle das Forças Armadas, do Poder Judiciário, entre outros aparelhos, dada a

importância da educação escolar para difusão e internalização de ideologias com vistas à conformação do senso comum.

Porém, a escola é apenas um dos aparelhos ideológicos. Além disso, o Estado não opera unicamente pela ideologia, mas, principalmente, por intermédio dos aparelhos repressivos. Isso coloca em xeque a tese de setores das esquerdas que também apresentam a educação como uma espécie de panacéia de esquerda, isto é, como se fossem possíveis transformações estruturais por intermédio unicamente da educação, em especial a escolar (SILVA; DAL RI, 2013).

A tendência, como se pode depreender de apontamentos de Vieitez e Dal Ri (2011), é de que os controles do Estado sobre a educação sejam cada vez mais acentuados, pois os conhecimentos técnico-acadêmico-científicos, por conseguinte, a ciência e a tecnologia, são elementares para a composição orgânica do capital.

A tese da educação como panacéia, bem como a teoria do capital humano, em especial no que se refere à relação que esta teoria estabelece entre níveis mais elevados de educação escolar e maiores salários/mobilidade social ou entre a formação de capital humano e crescimento econômico/geração de empregos, já foram analisadas e criticadas por diversos autores. Todavia, a luta ideológica, cada vez mais complexa e intensa, demanda empenho constante.

Porém, como faz parte do complexo ideológico hegemônico, essa tese continua, cada vez com maior ênfase, a ser difundida, especialmente na educação, formal ou não-formal, e nos meios de comunicação hegemônicos, com ampla repercussão no senso

comum. Essa tese tem relações diretas com a questão da meritocracia, um dos pilares do liberalismo. Determinadas ideologias, depois de internalizadas, não são facilmente combatidas ou desacreditadas, pois, como ressaltado, integram um sistema e têm implicações teórico-práticas na vida social.

A presente conjuntura é oportuna para, inclusive com o aporte de evidências empíricas, (re)problematizações da inconsistência e do caráter eminentemente ideológico da tese da educação enquanto panacéia, principalmente no que se refere à economia. Exemplificam isso Espanha, Itália e Portugal, que, dada a agudização da crônica crise do capital, apresentam altos índices de desemprego, inclusive entre as populações ditas mais jovens com altos níveis ou padrões de educação escolar.

Todavia, mesmo essa evidência empírica precisa ser devidamente mediada, pois essa tese parece ter ampla aceitação no senso comum exatamente pelos dados, também empíricos, apresentados pelas classes hegemônicas. Assim, trata-se de um desafiante trabalho de se problematizar as contradições entre o particular e o universal, entre a conjuntura e a estrutura, entre a aparência e a essência, entre a regra e a exceção. Por isso a importância e a necessidade de análises na perspectiva da totalidade, que consideram a educação escolar enquanto uma dimensão da vida social e necessariamente vinculada às esferas política, econômica e cultural da formação econômico-social que a concebe.

Em última análise, a tese da educação como panacéia não passa de uma ideologia que contribui, como já apontado, para a intensificação do individualismo, da concorrência e da

(auto)responsabilização dos trabalhadores por um problema estrutural, dissimulando o fato de que o desemprego tende a crescer, pois é funcional para o sistema e vinculado à composição orgânica do capital.

O Projeto “Quem faz o Brasil Melhor” terá continuidade, conforme informações de um dos responsáveis pela sua concepção/execução; visa criar uma espécie de consenso entre empresários. Partindo do que aventa Althusser (1999) acerca dos aparelhos ideológicos, sabe-se do potencial de influência da mídia na difusão e na internalização de ideologias e, por conseguinte, na conformação do senso comum. Evidência disso é que especialmente grandes empresas pagam altas quantias por alguns instantes ou espaços para propaganda. Ressalta-se, ainda, que a grande mídia está sob controle das classes hegemônicas, mais um indicativo do potencial deste aparelho para fins de criação de consensos e de conformação do senso comum.

Segundo Frigotto (2009, p. 6) capital humano “[...] é um conceito ou noção ideológica construída para manter intactos os interesses da classe detentora do capital e esconder a exploração do trabalhador.” Esse autor entende que a crítica desse conceito coloca-se “[...] como tarefa teórica e ético-política imprescindível para aqueles que estão empenhados na superação das relações sociais capitalistas.”

Considera-se que esses apontamentos de Frigotto acerca do conceito de capital humano podem ser estendidos também a essa tese. A educação como panacéia faz parte do complexo ideológico hegemônico. É importante tanto quanto outras teses ou ideologias que costumam receber maior atenção de setores que lutam contra o projeto hegemônico.

Assim, essa tese precisa ser considerada não de maneira isolada, mas no âmbito desse complexo, tanto em termos de origens, quanto em termos de desdobramentos direta ou indiretamente a ela associados.

#### Referências

ALEGRÍA, Felipe. A Europa e a crise econômica mundial. **Marxismo Vivo**, São Paulo, n. 20, p. 52-66, 2009. Disponível em: <https://www.archivoleontrotsky.org/download.php?mf=7738>. Acesso em 20.10.2014.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BEVILAQUA, Aluisio Pampolha. **A crise do capital em Marx e suas implicações nos paradigmas da educação**: contribuição ao repensar pedagógico do século XXI. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2011.

DAL RI, Neusa Maria. **Educação democrática e trabalho associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2004. 315 f. Tese (Livres-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: [http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/livre-docencia/2004/dalri\\_nm\\_ld\\_mar.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/livre-docencia/2004/dalri_nm_ld_mar.pdf). Acesso em 23.01.2012.

DAL RI, Neusa Maria. Movimentos sociais e educação democrática: antecedentes da pedagogia do trabalho associado. In: ELISALDE, Roberto; DAL RI, Neusa Maria; AMPUDIA, Marina; FALERO, Alfredo; PEREYRA, Kelly (Orgs.). **Movimientos sociales, educación popular y trabajo autogestionado en el Cono Sur**. Buenos Aires: Buenos Libros, 2013, v. 1, p. 97-132.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1988.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Capital humano. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Julio César França (Orgs.). **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2009, p. 1-7. Disponível em:

<http://www.epsjv.fiocruz.br/diccionario/verbetes/caphum.html>. Acesso em 19.10.2014.

LOMBARDI, José Claudinei. O velho discurso que rege a história da educação. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 21-27 ago. 2006. p. 4-5. Disponível em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/agosto2006/ju334pag4-5cont.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2006/ju334pag4-5cont.html). Acesso em 11.02.2014.

MORAES, Agnes Iara Domingos. **Ensino primário tipicamente rural no Estado de São Paulo**: um estudo sobre as Granjas Escolares, os Grupos Escolares Rurais e as Escolas Típicas Rurais (1933-1968). 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1981.

PROJETO “QUEM FAZ O BRASIL MELHOR (PROJETO). In: Brasil Melhor, Central de Notícias Jovem Pan, 2014. Disponível em: <http://jovempan.uol.com.br/noticias/brasil-melhor/>. Acesso em 13.09.2014.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

SILVA, Cláudio R.; DAL RI, Neusa Maria. Uma análise dos princípios educativos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, do socialismo utópico e do cartismo – a questão da práxis. In: 12ª JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO DE MARÍLIA – Os processos de ensinar e aprender na escola básica, 12., 2013, Marília. **Anais...** Marília, 2013. p. 1-13.

SOUZA, Rosa Fátima. **Alicerces da pátria**: história da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.

VIEITEZ, Candido Giraldez; DAL RI, Neusa Maria. A educação no movimento social: a luta contra a precarização do ensino público. In: LIMA, Francisca das Chagas Silva; SOUSA, Jhonatan Uelson Pereira; CARDOZO, Maria José Pires Barros (Orgs.). **Democratização e Educação Pública**: sendas e veredas. São Luís: Edufma, 2011. p. 133-165.

Recebido em 2014-11-27  
Publicado em 2015-02-22